

Gigantes da IA lideram corrida global dos trilhões

Doze empresas do ‘clube do trilhão’ podem ser acessadas pela B3

/ MERCADO FINANCEIRO

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

A Inteligência Artificial consolidou de vez sua posição como principal motor de criação de valor do mercado global. O ranking das empresas mais valiosas do mundo, atualizado na sexta-feira, mostra que as gigantes da tecnologia seguem dominando o cenário internacional, com valor de mercado medido em trilhões de dólares e ampla vantagem sobre companhias de outros setores.

Segundo a plataforma Companies Market Cap, no topo da lista permanece a Nvidia, avaliada em US\$ 4,921 trilhões. A fabricante de chips, cuja tecnologia abastece os principais modelos de Inteligência Artificial do mundo, é seguida por Apple (US\$ 4,883 trilhões) e Alphabet, controladora do Google (US\$ 4,186 trilhões). Microsoft e Amazon completam as cinco primeiras posições.

Das 14 empresas que hoje

integram o chamado “clube do trilhão”, dez pertencem diretamente ao setor de tecnologia ou possuem os negócios fortemente ligados ao desenvolvimento da Inteligência Artificial, seja por meio de softwares, computação em nuvem, plataformas digitais ou fabricação de semicondutores.

Além das tradicionais Big Techs, o ranking reúne fabricantes de chips, como TSMC e Broadcom, empresas de hardware, como Samsung Electronics, e companhias que ganharam protagonismo com o avanço da IA, caso da SpaceX. Entre as exceções estão Saudi Aramco, Eli Lilly e Berkshire Hathaway.

Para efeito de comparação, a maior empresa brasileira em valor de mercado, a Petrobras, vale aproximadamente US\$ 115,8 bilhões - pouco mais de 2% do valor da Nvidia. Itaú Unibanco (US\$ 90,37 bilhões) e Nu Holdings (US\$ 65,64 bilhões) completam o pódio nacional.

Segundo o professor de MBAs da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Ricardo Teixeira, a

predominância das empresas de tecnologia reflete a expectativa do mercado de que esses negócios conseguem expandir receitas de forma muito mais acelerada do que companhias de setores tradicionais.

“Essas empresas atuam em segmentos que permitem uma alavancagem muito grande em pouco tempo. Elas oferecem perspectivas de desenvolver novas soluções capazes de ampliar fortemente as receitas em um intervalo relativamente curto, e isso acaba sendo precificado pelo mercado”, afirma.

Embora o tamanho dessas empresas transmita uma percepção de solidez, Teixeira ressalta que valor de mercado elevado não representa garantia de valorização futura. Na avaliação do economista, uma empresa muito procurada tende a transmitir confiança aos investidores porque apresenta histórico consistente de geração de caixa e rentabilidade; isso, porém, é diferente da capacidade de continuar crescendo.

“O mercado acredita que ela

Clube do trilhão: empresas mais valiosas do mundo

FONTE: COMPANIES MARKET CAP - INFORMAÇÕES DO DIA 17/07/2026

 Nvidia NVDC34	US\$ 4,921 trilhões
 Apple AAPL34	US\$ 4,883 trilhões
 Alphabet (Google) GOGL34	US\$ 4,186 trilhões
 Microsoft MSFT34	US\$ 2,937 trilhões
 Amazon AMZ034	US\$ 2,663 trilhões
 TSMC TSMC34	US\$ 2,058 trilhões
 Broadcom AVGO34	US\$ 1,771 trilhão
 Saudi Aramco Não possui BDR	US\$ 1,718 trilhão
 SpaceX SPCX34	US\$ 1,647 trilhão
 Meta Platforms (Facebook) M1TA34	US\$ 1,643 trilhão
 Tesla TSLA34	US\$ 1,433 trilhão
 Samsung Electronics Não possui BDR	US\$ 1,123 trilhão
 Berkshire Hathaway BERK34	US\$ 1,059 trilhão
 Eli Lilly LILY34	US\$ 1,046 trilhão

continuará entregando resultados e, por isso, atribui um valor elevado às ações. Mas o potencial de valorização depende da evolução da tecnologia, da

aceitação dos produtos e do surgimento de concorrentes. Uma empresa pode perder espaço rapidamente se outra apresentar uma solução melhor.”

Investimento pode ser feito pela Bolsa brasileira

Apesar de todas essas empresas estarem listadas em bolsas estrangeiras, investidores brasileiros conseguem acessar boa parte delas sem abrir conta em corretoras internacionais. A alternativa mais simples são os BDRs (Brazilian Depositary Receipts), certificados negociados na B3 que representam ações de companhias listadas no exterior. Atualmente, apenas Saudi Aramco e Samsung Electronics não possuem BDR disponível entre as empresas do ranking.

Segundo o head de renda variável da Faz Capital, Alexandre Pletes, o principal atrativo desse modelo é justamente a praticidade. “Toda a negociação é feita no ambiente da B3, sem necessidade de abrir uma conta no exterior. Além disso, há facilidade tributária, porque esses ativos são declarados juntamente com as ações bra-

sileiras, simplificando o cumprimento das obrigações fiscais”, explica.

Ele destaca que investir via BDR também evita algumas complexidades sucessórias existentes em investimentos mantidos diretamente no exterior, já que os ativos negociados na bolsa brasileira seguem a legislação nacional.

Mas, apesar da praticidade, Pletes faz uma distinção importante: comprar um BDR não significa internacionalizar efetivamente o patrimônio. Segundo ele, a internacionalização ocorre quando o investidor realiza o câmbio e mantém seus recursos em uma corretora localizada no exterior. Ainda assim, ele considera que a modalidade faz sentido para muitos investidores, principalmente pela facilidade operacional.

Ao mesmo tempo, comprar um BDR também não elimina

os riscos envolvidos no investimento. Segundo Pletes, quem investe em um recibo da Nvidia, por exemplo, está exposto exatamente aos mesmos fatores que afetam a fabricante americana de chips.

“Quem compra um BDR da Nvidia está exposto aos riscos da Nvidia. Quem investe em Apple, Google, Microsoft ou Amazon assume os riscos específicos dessas companhias. Além disso, existe a exposição ao cenário macroeconômico do país onde elas atuam e ao contexto do setor”, destaca.

Teixeira, da FGV, acrescenta que empresas de tecnologia costumam apresentar volatilidade elevada, o que exige disciplina do investidor. “As ações sobem muito, caem, voltam a subir, e o pequeno investidor muitas vezes acaba vendendo no pior momento porque não consegue manter a calma.”

Vale a pena para qualquer investidor?

Depende! Além das oscilações das ações, o investidor brasileiro precisa acompanhar o impacto da variação do dólar e das mudanças no cenário internacional, o que se torna uma tarefa mais complexa. Ao mesmo tempo, a solidez traz maior confiança.

Na avaliação de Ricardo Teixeira, quem está dando os primeiros passos na bolsa tende a encontrar mais facilidade investindo inicialmente em empresas brasileiras, onde as informações são mais acessíveis e o ambiente regulatório é mais conhecido. Nesse caso, a solidez pode ser encontrada em ativos como a própria Petrobras.

“Para quem está começando, faz mais sentido conhecer primeiro o mercado brasileiro. Ao investir no ex-

terior, além de acompanhar o desempenho das empresas, é preciso entender fatores globais, mudanças no mercado internacional e ainda lidar com a variação cambial”, defende.

Já Alexandre Pletes adota uma visão mais favorável à exposição internacional. Para ele, essas empresas ocupam as primeiras posições do ranking justamente porque construíram modelos de negócio capazes de gerar valor de forma consistente.

“Investir nessas empresas, seja por BDRs ou diretamente no exterior, pode fazer bastante sentido. Não é por acaso que elas estão entre as mais valiosas do mundo. Mas a decisão depende do perfil do investidor e dos objetivos da carteira”, argumenta.